

Valorações acerca da leitura em enunciados veiculados em uma rede social: uma perspectiva dialógica

Valuations about reading in statements posted on a social network: a dialogical perspective

Marina Gonçalves¹

Silvânia Maria da Silva Amorim Cruz²

Cristiane Malinoski Pianaro Angelo³

Resumo: Este trabalho é sustentado pelos pressupostos teóricos de Bakhtin e o Círculo, representados por Volóchinov (2018; 2019), Medviédév (2018) e Bakhtin (2003; 2014; 2016), acerca das relações dialógicas, geralmente nominadas como dialogismo, e dos pesquisadores difusores da Análise Dialógica do Discurso (ADD), como Sobral e Giacomelli (2016; 2018) e Sobral (2019). Assim, este estudo envolve a análise de dois enunciados – charges – que foram veiculados na rede social *Instagram*, e (re)publicados no *Facebook*, em uma página de divulgação pertencente ao *Skoob*, o qual também é uma rede social, brasileira, destinada a leitores. Objetiva-se compreender como as charges selecionadas refletem e refratam valores sociais em relação às práticas leitoras nesses distintos contextos socioculturais. A metodologia segue um viés qualitativo, orientado pela ADD. Levam-se em consideração os processos envolvidos no discurso, a partir dos enunciados concretos e das valorações que deles podem ser suscitadas. Logo, nos movimentos analíticos, busca-se compreender melhor a face leitora da sociedade brasileira.

Palavras-chave: Dialogismo/relações dialógicas. Leitura. Valorações. Análise Dialógica do Discurso (ADD).

Abstract: This work is underpinned by the theoretical assumptions of Bakhtin and the Circle, represented by Volóchinov (2018 and 2019), Medviédév (2018) and Bakhtin (2003, 2014 and 2016), about dialogic relations, generally referred to as dialogism, and the researchers who disseminate Dialogic Discourse Analysis (DDA), such as Sobral and Giacomelli (2016; 2018) and Sobral (2019). Thus, this study involves the analysis of two statements - cartoons - that were posted on the social network *Instagram*, and (re)published on *Facebook*, on a page belonging to *Skoob*, which is also a Brazilian social network, aimed at readers. The aim is to understand how the selected cartoons reflect and refract social values in relation to reading practices in these different sociocultural contexts. The methodology follows a qualitative bias, guided by ADD. The processes involved in the discourse are taken into account, based on the concrete statements and the valuations that can be elicited from them. Therefore, in analytical movements, we seek to better understand the reading habits of Brazilian society.

Keywords: Dialogism/Dialogical relations. Reading. Valuations. Dialogical Discourse Analysis (ADD).

¹ Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO).

² Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO).

³ Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO).

Alice estava começando a ficar muito cansada de estar sentada ao lado da irmã na ribanceira, e de não ter nada que fazer; espiara uma ou duas vezes o livro que estava lendo, mas não tinha figuras nem diálogos, ‘e de que serve um livro’, pensou Alice, ‘sem figuras nem diálogos’.

(Carroll, 2009, p. 13).

Introdução

A leitura no Brasil é valorada de diversas maneiras, sendo a mais predominante aquela propagada pelos meios de comunicação, os quais com frequência expõem estatísticas ressaltando a falta de hábito de leitura na sociedade. Essa perspectiva é embasada em pesquisas, entre as quais se destaca o estudo *Retratos da Leitura no Brasil*, o mais recente datado de 2021, que revela uma queda de 4,6 milhões de leitores entre 2015 e 2019 (Saron, 2021). De acordo com Failla (2021, p. 26), são diversos os fatores que contribuem para essa diminuição significativa:

[...] o desmonte dos programas voltados à democratização do acesso ao livro, à formação de leitores, ao incentivo de projetos de leitura e à instalação de bibliotecas: o desprezo a políticas inclusivas – e, em especial, o ‘engavetamento’ das políticas públicas do livro e leitura que definem princípios, conceitos, responsabilidades e que orientam, integram e coordenam todos esses programas e ações promovidos pelo Estado ou pela sociedade civil.

Percebe-se, assim, que a diminuição do percentual de leitores exposta pela *Retratos da Leitura no Brasil* envolve fatores como economia, cultura e incentivos públicos. Com a retomada da epígrafe exposta, podemos pensar também na questão de se vincular uma utilidade para as ações cotidianas, inclusive leitoras, pois assim como a personagem Alice questionava – “*e de que serve um livro*” –, existem muitas pessoas que fazem semelhante questionamento e optam por outras atividades por razões similarmente utilitárias. Outras atividades prioritárias para os brasileiros, reveladas pela mesma pesquisa, são assistir à televisão, usar a internet, escutar música ou rádio, usar o *WhatsApp*, assistir a vídeos ou filmes em casa, entre outras (Failla, 2021), o que, em alguns desses casos, supõe também a leitura, mas não necessariamente a literária.

Partir do pressuposto de que a leitura não é a atividade preferencial em nossa sociedade é uma hipótese válida. Para confirmar essa ideia, foram consultados dados da pesquisa *Retratos da leitura no Brasil* sobre o que caracteriza alguém como leitor: aquele que leu, total ou parcialmente, pelo menos um livro nos últimos três meses. Segundo a pesquisa, a média de livros lidos nos últimos três meses da data de realização das entrevistas foi de 4,95 livros por habitante, sendo 2,55 lidos integralmente e 2,41 em partes. Adicionalmente, o mesmo estudo

revelou que 82% dos entrevistados expressaram o desejo de ter lido mais no ano da pesquisa, dos quais 47% alegaram falta de tempo para essa prática (Failla, 2021).

Todos esses dados reforçam a visão comum pessimista da atividade leitora em nossa sociedade. Não se ignora nos nossos estudos a amplitude dos meios digitais, os quais impulsionam os brasileiros à leitura de gêneros bem diversificados, mas é necessário instigar a nossa percepção para uma compreensão mais ampla do cenário da leitura, em especial de livros, em nosso país.

Em contrapartida, na Índia, no Estado de Kerala, os índices de leitura são mais animadores e, assim, pode-se inferir que essa atividade é valorada de forma mais positiva. De acordo com uma pesquisa divulgada pela Biblioteca Parque Villa-Lobos⁴, “O país que mais lê no mundo é a Índia, que ocupa essa distinção desde 2005. Os indianos dedicam, em média, 10 horas e 42 minutos semanais para ler”. Essa mesma pesquisa indica que o brasileiro dedica 05 horas e 12 minutos para a leitura semanal, isto é, menos da metade do tempo dedicado pelos indianos.

Os debates acerca da leitura permeiam não apenas discussões institucionais ou formais, mas também se manifestam em charges, memes, postagens nas redes sociais, dentre outros gêneros. Neste trabalho buscamos trazer à discussão as valorações em relação à leitura que emergem na apreciação de dois enunciados do gênero charge, postados na rede *Skoob* – rede social dedicada aos livros – no *Facebook*, um no Brasil e outro na Índia, ambos com a mesma temática, porém com perspectivas avaliativas diferentes. Objetiva-se, portanto, compreender como as charges selecionadas refletem e refratam valores sociais em relação às práticas leitoras nesses distintos contextos socioculturais.

Para embasar nossa análise, adotamos como norte os conceitos de relações dialógicas e valorações, conforme Bakhtin e o Círculo (Volóchinov, 2018; 2019; Bakhtin, 2016) e os pressupostos teórico-metodológicos da Análise Dialógica do Discurso (ADD) (Sobral; Giacomelli, 2016; 2018; Sobral, 2019). Essa abordagem teórico-metodológica revela-se crucial para observar as diversas valorações associadas à prática leitora em nossa realidade social.

Dialogismo/ Relações dialógicas

A análise dialógica requer a clarificação de alguns conceitos fundamentais, tais como enunciado, interação, signo ideológico e gêneros do discurso. Esses conceitos não podem ser

⁴ Disponível em: <https://bvl.org.br/quais-sao-os-paises-mais-leitores-do-mundo/> Acesso: 17 ago. 2024.

rigidamente delimitados, uma vez que estão intrinsecamente interconectados (Sobral; Giacomelli, 2016). Embora as explicações a seguir possam parecer um tanto fragmentadas, elas constituem a base essencial para a realização de um exercício de Análise Dialógica do Discurso (ADD) com os enunciados selecionados para esta discussão.

Na teoria dialógica de Bakhtin e o Círculo (Volóchinov, 2019; 2018; Bakhtin, 2016), o enunciado é concebido como uma unidade de análise. No contexto deste trabalho, designaremos as charges como enunciados, pois representam expressões linguísticas de caráter social que não podem ser rigidamente definidas por uma forma pronta e acabada (Volóchinov, 2018; 2019). Uma perspectiva relevante para compreender o enunciado reside na análise de como ocorre a sua formação:

[...] o enunciado se forma entre dois indivíduos socialmente organizados, e, na ausência de um interlocutor real, ele é ocupado, por assim dizer, pela imagem do representante médio daquele grupo social ao qual o falante pertence. *A palavra é orientada para o interlocutor*, ou seja, é orientada para *quem* é esse interlocutor: se ele é integrante ou não do mesmo grupo social, se ele se encontra em uma posição superior ou inferior em relação ao interlocutor (em termos hierárquicos), se ele tem ou não laços sociais mais estreitos com o falante (pai, irmão, marido etc.). Não pode haver um interlocutor abstrato, por assim dizer, isolado; pois com ele não teríamos uma língua comum nem no sentido literal, tampouco no figurado (Volóchinov, 2018, p. 204-205, grifos do autor).

Considerando-se sua formação social, esses enunciados adquirem diversas valorações, atuando como espaços de mobilização, a partir dos interlocutores, isto é, para a interação. Nesse sentido, é crucial retomar os caminhos para conduzir a análise, que não se restringe apenas à dimensão verbal – a forma –, mas também abrange o extraverbal, envolvendo a situação concreta de produção do enunciado:

Todo enunciado, por mais significativo que seja, é apenas um momento da comunicação discursiva ininterrupta (cotidiana, literária, científica, política). No entanto, essa comunicação discursiva ininterrupta é, por sua vez, apenas um momento da *constituição* ininterrupta e multilateral de uma dada coletividade social. Disso surge um problema importante: o estudo do elo entre a interação concreta e a situação extraverbal mais próxima e, por meio desta, a situação mais ampla. As formas desse elo são diversas e cada uma delas condiciona as diferentes significações que as situações adquirem em momentos variados [...]. *A comunicação discursiva nunca poderá ser compreendida nem explicada fora dessa ligação com a situação concreta* (Volóchinov, 2019, p. 219-220, grifos do autor).

São nesses enunciados, de comunicações essencialmente concretas, que se constitui o dialogismo, o qual se funda e se mantém nas relações dialógicas.

Como mais uma das faces fundadoras das relações dialógicas, tem-se a interação, momento em que “os locutores recorrem aos signos, que, na ADD, são sempre ideológicos, no sentido de marcados por uma avaliação social” (Sobral; Giacomelli, 2016, p. 1077). É assim

que começam a surgir as valorações, pela responsividade e pelos juízos de valor (Bakhtin, 2016).

Dessa forma, os enunciados concretos sempre serão um ato social. É neles que se “organiza a comunicação que é voltada para uma reação de resposta; ele mesmo reage a algo; ele é inseparável do acontecimento de comunicação” (Medviédév, 2018, p. 183). Nessa perspectiva, a valoração sempre se faz presente, formando-se através dos discursos, os quais se estabelecem por meio de dois planos: “o do significado a ser expresso e o da valoração, pelo locutor e por seu(s) interlocutor(es), desse significado, o plano do sentido; é assim função do ato valorativo intrínseco ao discurso e, mais do que isso, à vida da língua: todo discurso se orienta numa dada direção” (Sobral, 2006, p. 78). Não há uma reação neutra, todos os movimentos reativos são constitucionalmente valorativos.

Disso se estabelece a interação, um processo atemporal, ou seja, para ela ocorrer não é necessário um tempo fixado no aqui agora, mas pode sim ocorrer em épocas diferentes. É a interação que propicia o nascimento dos sentidos (Sobral; Giacomelli, 2018). Há alguns níveis de interação propostos pela ADD:

[...] o nível de contexto imediato, em que se conhecem os lugares (ou papéis) sociais dos interlocutores e a posição de um(ns) em relação ao(s) outro(s). Temos, depois, o nível do contexto social mediato, que envolve o domínio mais amplo das esferas da atividade (ambientes em que agimos socialmente), do tipo de lugar em que ocorre a interação (escola, ‘balada’, etc.) e das exigências que o lugar faz, num dado momento, aos participantes da interação. [...] Vem, por fim, o nível do horizonte social e histórico mais amplo, que abrange a cultura em geral, as relações entre culturas, os grandes períodos da história, o espírito da época (Zeitgeist) e mesmo a relação entre diferentes espíritos de época, bem como épocas (Sobral; Giacomelli, 2016, p. 1082-1083).

Com esse entendimento, torna-se possível analisar a interação presente em determinados enunciados. A ampliação da visão sobre esses enunciados ocorre pela observação cuidadosa de diferentes níveis. O analista, ao percorrer esses níveis – de contexto imediato, de contexto mediato e de horizonte social e histórico mais amplo –, sem a obrigatoriedade de explorar todos, e sem demarcações específicas, transcende a análise superficial, sendo capaz de incorporar informações adicionais que enriquecem sua compreensão.

Nas interações o signo ideológico tem presença marcada. Conforme abordado nos estudos de Bakhtin e o Círculo, o signo é considerado algo não neutro; todo discurso está desprovido de imparcialidade. Nesse contexto, onde há a presença de signos, a ideologia está intrinsecamente presente (Volóchinov, 2018). Ao compreender com clareza essa ausência de imparcialidade, o analista, munido da noção de signo ideológico, é capaz de observar, apreender e analisar as valorações que podem emergir:

O signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto específico e assim por diante. As categorias de avaliação ideológica (falso, verdadeiro, correto, justo, bom etc.) podem ser aplicadas a qualquer signo (Volóchinov, 2018, p. 93).

Nessa perspectiva, a entrada no campo dos sentidos dos signos ideológicos é a realidade, o espaço tempo em que os signos ideológicos emergem. Deve-se considerar ainda que “Qualquer fenômeno ideológico sógnico é dado em algum material: no som, na massa física, na cor, no movimento o corpo e assim por diante” (Volóchinov, 2018, p. 94). Dessa forma, os sentidos ideológicos e as valorações se materializam nos enunciados, nos gêneros discursivos, como nas charges, por meio dos traços, das cores, da disposição gráfica, dos elementos verbais, dentre outros.

Por fim, na ADD os gêneros do discurso não devem ser tomados como formas linguísticas, tais como as gramaticais, mas sim como maneiras de interação que foram estabelecidas nas esferas da atividade humana (Sobral, Giacomelli, 2016). Assim “cada gênero do discurso em cada campo da comunicação discursiva tem sua concepção típica de destinatário que o determina como gênero” (Bakhtin, 2016, p. 63). Entretanto, não há como dizer que esses gêneros do discurso se estabelecem sempre da mesma forma, pois “a intenção discursiva do falante, com toda a sua individualidade e subjetividade, é aplicada ao gênero escolhido [...]” (Bakhtin, 2016, p. 38), ademais, deve ser levado em consideração o contexto. Portanto, um gênero do discurso, como a charge, já existe enquanto forma, mas sempre se modifica de acordo com a sua aplicação e, sobretudo, pelo seu momento e espaço de produção e pelo endereçamento.

No contexto de todos os conceitos apresentados, que coexistem de maneira simultânea, destaca-se o dialogismo, embora não seja explicitamente mencionado nas obras da análise dialógica do discurso (ADD). O termo mais frequentemente empregado é "relações dialógicas" (Sobral; Giacomelli, 2016). Dessa forma, versaremos sobre a ADD, ampliando as noções apresentadas e direcionando-as a um exercício de análise.

A ADD: uma perspectiva de análise

Uma forma de compreender a ADD é ter consciência de que “[...] todo enunciado produzido dialoga com outros enunciados já ditos antes dele, tentando até mesmo responder a enunciados que não foram ditos, o que também é um diálogo” (Sobral; Giacomelli, 2016, p. 1079). Essas relações dialógicas entre enunciados são visíveis no cotidiano, e serão aplicadas

e vistas no empreendimento analítico dos enunciados base e seus desdobramentos. Os sentidos nascem a partir da negociação permanente, propiciada pela interação (Sobral; Giacomelli, 2018).

Para isso, a ADD se ocupa do discurso e do enunciado, esse último constituído, conforme Volóchinov (2019, p. 119), pelo “‘visto por ambos’ [...] ‘conhecido por ambos’ [...] e ‘avaliado em concordância’ [...]”. Em outras palavras, tem-se “1) o *horizonte espacial comum* dos falantes (a unidade do visível: o quarto, a janela etc.); 2) o *conhecimento e a compreensão da situação comum aos dois*; e finalmente, a *avaliação comum* dessa situação” (Volóchinov, 2019, p. 118-119, grifos do autor). Na proposta de Sobral (2019), esses elementos abrangem:

[...] a *endereçabilidade*, o fato de sempre ser dirigido a alguém; a *referencialidade*, o fato de remeter a algum objeto do mundo que é apropriado linguisticamente; e a *expressividade*, o fato de sempre refletir a posição valorativa do locutor, que não corresponde necessariamente a do interlocutor, e assim um influencia o outro [...] (Sobral, 2019, n.p., grifos do autor).

Dessa maneira, torna-se produtivo empreender a ADD por meio desse movimento de resgate analítico, com atenção para a observação dos componentes do enunciado (Volóchinov, 2019; Sobral, 2019). Esse processo nos permite formular hipóteses de sentido, com a percepção das reações e o estabelecimento de juízos de valor. Além disso, as valorações que, como pesquisadoras, atribuímos aos enunciados, atingem sua completude por meio desse gesto analítico, que não apenas se restringe à perspectiva social abrangente, mas também reconhece a existência de múltiplos olhares possíveis.

Detalhamento metodológico e apresentação das unidades de análise

Esta é uma pesquisa de natureza qualitativa, com aparato teórico-metodológico da ADD a se ter o dialogismo como tema central. Nossa perspectiva é a de que a comunicação e a linguagem são primordialmente dialógicas, centradas nas interações entre os falantes, de modo que “o estudo do discurso verbal implica um olhar para as relações dialógicas, pois a linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam” (Bakhtin, 2008, p. 209).

Como corpus de análise, selecionamos dois enunciados, postados na rede *Skoob* no *Facebook*, um no Brasil e outro na Índia, ambos com o mesmo tema, porém com perspectivas avaliativas diferentes. Nossa discussão tem em vista a compreensão das valorações que se estabelecem sobre a leitura no contexto social dos dois países.

Apresentamos, a seguir, os enunciados, corpus de nossa análise:

Charge 1: A leitura no brasil



Fonte: Dinho Lascoski – *Instagram* do artista. (Re)publicado na página do *Skoob* do *Facebook*, (2020).

Charge 2: A leitura em Kerala (Índia)



Fonte: Roshan Kurichiyani – *Instagram* do artista @artofroshan. (Re) publicado na página do *Facebook*, pertencente ao *Skoob*, (2020).

O primeiro enunciado (Charge 1) foi produzido pelo artista Dinho Lascoski, nascido em Ponta Grossa, Paraná, e atualmente residente em Indaial, Santa Catarina. Autodidata, ilustrador e designer, Lascoski é reconhecido por suas extraordinárias ilustrações, repletas de cores vibrantes, narrativas envolventes e uma acentuada influência da cultura pop (Boeira, 2016). A charge foi postada, primeiramente, no dia 02 de julho de 2020, e (re)postada no dia 03 de julho de 2020, na página do *Skoob* no *Facebook*.

Na segunda charge, temos um cenário diferente. A sociedade retratada não é a brasileira, mas a indiana, em específico, do Estado de Kerala. Foi produzida por um artista (*comic colorist based in India*⁵), chamado Roshan Kurichiyani. A localização da publicação é Calicute, Estado de Kerala. A charge foi veiculada nas redes sociais *Instagram* e (re)publicada no *Skoob* no *Facebook*.

As duas charges selecionadas foram postadas na página do *Skoob* no *Facebook*. O *Skoob* é uma rede social exclusiva para os leitores do Brasil, funcionando como uma estante virtual, na qual o leitor pode organizar todos os livros que já leu, que pretende ler, que está lendo ou que desistiu da leitura. Além disso, o usuário pode compartilhar opiniões e experiências com amigos e seguidores, bem como realizar a troca de livro. Para 2024, a plataforma lançou a sua meta de leitura: ler 3.291.457 páginas. Até o momento, o site consta com 390.602 *skoobers* participantes e contabiliza 178.854 livros lidos, cerca de 71.716.307 páginas⁶.

Valorações sobre leitura em charges

Segundo Sobral (2019), o gênero charge é uma crítica político-social que, de modo harmonioso, encadeia as linguagens verbal e não-verbal, estabelecendo uma relação humorística e irônica com fatos reais, ou seja, usa simultaneamente imagens e palavras, de modo crítico, a fim de informar o leitor sobre algo ou, ainda, solidificar uma determinada posição acerca do assunto tratado.

Analisaremos as duas charges selecionadas para este trabalho tendo em vista que o referido gênero discursivo se desvela ao considerarmos o seu contexto extraverbal, os níveis de interação propostos por Sobral (2019) e o fato de que toda charge é uma denúncia, uma crítica e uma força centrífuga. Por força centrífuga, entendemos como a característica da linguagem e do discurso de se afastarem de uma origem única, centralizadora, ou seja,

⁵ Descrição feita no portfólio de Roshan Kurichiyani. Disponível em: <https://coloristrosh.myportfolio.com/> Acesso em: 17 ago. 2020.

⁶ Os dados são referentes ao mês de janeiro de 2024.

descentralizando-se e modificando-se em direção às possibilidades de interpretação e de significação (Bakhtin, 2014).

Na charge 1, observamos a presença de poucos elementos visuais: uma pessoa que, pelas vestimentas e adereços, a identificamos como um policial e um livro. O policial carrega consigo um escudo e apresenta uma postura de cuidado, de defesa/salv guarda e de atenção, enquanto o livro aparece em uma posição inferior, no chão e estático. Culturalmente e historicamente o policial pode representar a lei e a segurança; o livro que pode simbolizar a educação, o conhecimento e a liberdade, na perspectiva de que conhecimento é poder e poder é liberdade. Além disso, o plano de fundo é todo na cor amarela, que para a sociedade brasileira, culturalmente, representa, dentre outras coisas, atenção e cuidado.

A postura do policial em relação ao livro leva o leitor a retomar episódios históricos do Brasil como a ditadura militar, período de regime autoritário, marcado pela repressão política, pela censura, pela tortura e pela violação dos direitos humanos.

A censura oficial do governo era apenas uma forma de repressão aos livros que poderiam ser considerados subversivos. Era comum que setores do regime, como órgãos de informações, produzissem pareceres contrários à distribuição de alguns livros já editados e enviassem à Polícia Federal e ao Ministério da Justiça pedidos de censura e recolhimento das obras. Editoras como Civilização Brasileira, Saga, Vozes, entre outras, sofreram coerção e atentados, tiveram livros apreendidos e responderam processos por editarem livros subversivos (Castro, 2017, p. 27).

Podemos, também, citar um episódio anterior à ditadura, a queima de mais de 1,8 clássicos literários em Salvador, no ano de 1937, cena assistida de perto por militares e membros do que à época era chamada a Comissão Executora do Estado de Guerra do governo. Outrossim, podemos salientar a cor do livro usada na obra do artista. O vermelho, que podemos fazer referência à cor do fogo, responsável pela incineração dos livros, recebeu o nome de “propaganda do credo vermelho”, termo utilizado pelas autoridades do estado Novo de Getúlio Vargas. Essa foi uma expressão usada por alguns críticos para se referir às ideias socialistas ou comunistas. A palavra "vermelho", por vezes, foi associada à cor dessas filosofias, especialmente durante o século XX, devido às bandeiras e símbolos utilizados por esses movimentos políticos (BBC News Brasil, 2017).

Ao analisarmos todos os elementos conjuntamente, uma leitura possível é a de que o conhecimento, a educação é “perigosa”, pois os livros produzem resistências, uma vez que podem criar seres pensantes e, quanto mais conhecimento e informação, mais difícil manter o controle e o domínio, portanto, a leitura precisa ser combatida.

Publicada em 2020, a charge propicia outras leituras e críticas, tendo em vista o contexto político à época, em que o governo, claramente, manifestava sua descrença na ciência e proferia

falas voltadas para a censura, por meio da proibição de determinados tipos de discurso, da limitação do acesso às informações e da supressão da mídia. Nesse sentido, considerando esse contexto extraverbal e a publicação da charge em uma página que promove a leitura, percebemos a crítica ao não incentivo à leitura, a não valorização da educação, ao posicionamento do governo da época da publicação, claramente, contrário à ciência e ao conhecimento. Assim, a valoração se faz presente a partir da posição ideológica que os interlocutores ocupam, de modo que não há neutralidade nos discursos.

Então, se a análise fosse isolada, ou seja, voltada aos aspectos formais, não teríamos a compreensão do todo, não veríamos os enunciados como uma resposta a esses eventos conservadores. Portanto, reiteramos que para a produção de sentidos é importante o conhecimento dos papéis sociais dos interlocutores; o lugar social da interação, uma vez que esse lugar possui exigências próprias e o reconhecimento do contexto em seu horizonte social e histórico (Sobral; Giacomelli, 2016).

Logo, o ser leitor no Brasil envolve uma sociedade que, de várias formas, vem condenando o conhecimento, desvalorizando-o a níveis prejudiciais para grande parcela da população, evidentemente que nada sem propósito. Outrossim, não podemos deixar de considerar a postura do governo da época, como já mencionada, uma vez que tal postura desconstrói o valor da leitura na sociedade e a charge vem como uma denúncia e um alerta às pessoas em relação ao autoritarismo. Podemos afirmar, também, que essa negação do conhecimento, o estranhamento ou o “medo” dos livros, é o reflexo de uma sociedade em que a leitura, como atividade incorporada ao cotidiano, não é uma realidade, isto é, não há políticas públicas ou o incentivo a uma cultura em que a leitura seja valorizada, acessível e integrada à educação, ao entretenimento, ao trabalho e às diferentes esferas da vida do indivíduo.

Portanto, destacamos esse enunciado crítico para um repensar em relação à leitura, uma leitura voltada para a criticidade, a considerar uma abordagem analítica que envolve avaliar, interpretar e questionar textos de forma reflexiva, o que requer analisar as ideias apresentadas, os argumentos utilizados e o contexto em que o texto foi produzido

Dado o exposto, o enunciado em questão pode colocar em discussão uma ideologia, em confronto a outros enunciados já existentes, nos quais a leitura é uma atividade comum, especificamente, em outros países. Com essa análise é possível apreender melhor o que não é a realidade brasileira, também, o contrário disso. Entretanto, a ocorrência disso só é possível, a partir do confronto, das relações dialógicas com outros enunciados.

Na segunda charge, o cenário mostra-se diferente do primeiro, retratando a sociedade indiana, em específico, do Estado de Kerala. A escolha dos elementos para a composição do

enunciado denota leveza, alegria, intimidade com os livros e, conseqüentemente, com a leitura, diferentemente do enunciado 1. Percebemos isso através do uso das cores, todas com tons claros, bem iluminadas; as expressões faciais das personagens, todas sorrindo; o ambiente, que parece ser um transporte público, mais especificamente um metrô, o que revela a proximidade com o ato de ler, como algo que faz parte da rotina. Além disso, vemos personagens de diferentes idades, então, a leitura faz parte da vida de todos, da criança ao adulto, inclusive com posturas que sugerem descontração e lazer.

O momento histórico de sua publicação é também no ano de 2020, no dia 19 de junho, em comemoração ao dia da leitura em Kerala. Em um trecho da legenda temos:

Hoje em Kerala comemoramos o Dia da Leitura (റീഡിംഗ് ഡേ) na memória de Sri. P. N. Panicker, uma força motriz por trás do movimento da biblioteca de massa em Kerala. A maioria das coisas das quais nos orgulhamos hoje em relação à Kerala começou nos muitos livros que nós e nossas gerações anteriores lemos [...].⁷

Podemos perceber que há nesse contexto uma valorização dos livros, os quais são descritos no enunciado como um elemento comum aos cidadãos. Apreendemos nos elementos que constroem o enunciado, como descrito anteriormente, conotações sociais e culturais, refletindo e refratando valores e ideologias presentes na sociedade.

Verificamos que, diferentemente da exposição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, em Kerala, na Índia, a leitura é um bem incorporado ao cotidiano. A publicação, como já foi dito, é uma homenagem em razão do dia do livro no Estado, trazendo a memória de Sri. P. N. Panicker, conhecido como o pai do movimento de bibliotecas em Kerala⁸. O artista, em seu texto da publicação, coloca nos livros o porquê de não ter escolhido outra profissão, como se o conhecimento o induzisse a se auto confrontar, a fugir do óbvio e do certo.

Quando a rede social *Skoob* compartilha em sua página no *Facebook* o enunciado, com uma tradução literal do que o próprio artista havia dito, coloca-se valorativamente em posição de concordância com o enunciado. Segundo Bakhtin (2003), todas as palavras são minhas e são do outro. Dessa forma, o mundo é multivocalizado e estamos sempre respondendo às palavras do outro; é assim que a compreensão acontece, o que o autor chama de “compreensão e avaliação” (p. 378), um acontece pelo outro, são indissociáveis. À vista disso, a plataforma

⁷A tradução utilizada foi a disponibilizada na (re)publicação do *Facebook*, página do *Skoob*. Na primeira publicação, disponível no *Instagram*, o trecho original é assim transcrito: “Today in Kerala we celebrate Reading Day (റീഡിംഗ് ഡേ) in the memory of Sri. P. N. Panicker, a driving force behind mass library movement in Kerala. Most things that we are proud of today about Kerala started from the many books that we and our previous Generations have read [...]. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CBnHTbcp5pu/> Acesso em: 14 ago. 2020.

⁸ Para saber mais: <http://www.pnpanickerfoundation.org/>. Acesso em: 19 ago. 2020.

Skoob usou a charge como um eco de um outro enunciado, talvez como expressão de seu desejo de que a leitura no Brasil seja como em Kerala.

Com essas análises, portanto, podemos destacar o que facilmente pode ser recuperado pelos que veem, sabem e avaliam (Volóchinov, 2018). Para completar isso, realizamos um entrelaçamento das duas visões.

Constatamos duas sociedades diferentes sendo retratadas: a brasileira e uma pequena parcela indiana, representada pelo Estado de Kerala. Pelos enunciados conseguimos apreender alguns pontos em que as duas sociedades se revelam opostas. Inclusive, um dado que não foi explicitamente apresentado, mas deve ser salientado, é que em 2020, quando houve a publicação das charges, as duas realidades eram distintas também no que tange às ideologias, pois no Brasil tinha-se no poder um governo de direita e, em Kerala, de esquerda. Resumidamente, ser de esquerda estaria atrelado a lutar pelos direitos dos trabalhadores e da população mais pobre, buscando o bem-estar coletivo e a participação popular dos movimentos sociais e das minorias. Já a direita estaria relacionada a uma visão mais conservadora, que busca a permanência da elite no poder e a promoção do bem-estar individual. A questão de ideologia partidária não será discutida em detalhes, entretanto, consideramos relevante deixar claro que os discursos dominantes nesses países defendiam ideais díspares.

Em Kerala, é válido destacar que o Estado “vem apresentando, desde 1951, os melhores indicadores econômicos do país” (Lima, 2010, p. 145). Além disso, cabe enfatizar que para se chegar a essa realidade, houve investimento em vários setores, mais especialmente em educação. De acordo com Pazich (2015), em Kerala os níveis de letramento são os mais altos, e superam os índices dos outros Estados da Índia.

Dessa forma, é pertinente inferir que para a obtenção de bons níveis de leitura é necessário investimento. No Brasil, têm-se algumas ações,

[...] muitas delas com bom resultado no que diz respeito à aproximação da obra literária com o leitor, são desenvolvidas, entretanto, sem que haja uma articulação entre si, o que faz com que excelentes programas e projetos tenham um alcance restrito e de caráter efêmero (Hidalgo; Mello, 2014, p. 156).

Posto isso, é necessária uma mudança nessas ações, para que haja, de fato, um funcionamento delas, de forma contínua, interligada e satisfatória. Nessa mesma linha de pensamento, Ceccantini (2016) disserta que as ações têm bons efeitos na ampliação do acesso a materiais didáticos, mas no Brasil ainda são escassos os investimentos e ações efetivas na formação de mediadores, os quais poderiam expandir a leitura.

Com ações mais coerentes ao contexto brasileiro e com políticas que valorizem a leitura e o conhecimento, a prática leitora pode deixar de ser caracterizada segundo a noção de

brasileiro *versus* leitor, para se tornar atividade intrínseca ao cotidiano das pessoas. Como meios para a integração da leitura como atividade comum no Brasil, pontuam-se a efervescência das redes sociais, algumas específicas para leitores, como é o caso do *Skoob*. Dessa forma, é importante ampliar pesquisas nesse âmbito, pois, de certa maneira, essas plataformas colaboram para a disseminação da leitura e denunciam práticas de precarização da leitura, políticas e atitudes governamentais que rechaçam a leitura e a produção de conhecimento. Além das redes sociais, outras ações, tais como a disseminação de clubes de leitura, presenciais ou virtuais, têm contribuído para divulgar e expandir o hábito leitor. Ademais, dentro da plataforma *YouTube*, os *booktubers* estão contribuindo para ampliar o consumo de conteúdos sobre livros.

Por fim, o estado indiano de Kerala e o Brasil foram incorporados a esse gesto analítico como parte de uma comparação entre sociedades distintas. As valorações captadas neste estudo referem-se aos discursos que enxergam a leitura como uma atividade comum e, ao mesmo tempo, como um fenômeno de estranhamento. Essas valorações foram abordadas em um movimento analítico que lançou luz sobre posicionamentos ideológicos.

Algumas considerações

Este trabalho foi um pequeno esforço em meio a muitos outros sobre a temática da leitura no Brasil. O caminho escolhido para efetuar-lo foi um pouco atípico, devido à inscrição na ADD para a leitura dos enunciados com vistas à reflexão e à crítica. Pelas relações dialógicas conseguimos confrontar duas realidades diferentes, as quais se complementam.

Assim, todas as pesquisas no âmbito da temática abordada contribuem para se pensar em como melhorar a nossa própria realidade no que se refere à leitura. É só com movimentos de análise, discussão e reflexão que a leitura poderá passar do caráter utilitário, já citado na epígrafe a partir da personagem Alice, para algo comum e acessível a todos.

Entende-se, portanto, que o trabalho foi tecido em um movimento de conceituação teórica, análise de enunciados e reflexão. Espera-se uma responsividade sobre o gesto analítico, a qual dê continuidade nas reflexões sobre as valorações da leitura em nossa sociedade.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 7 ed. Equipe de tradução (do russo) Aurora Fornoni Bernardini, José Pereira Júnior, Augusto Góes Júnior, Helena Spryndis Nazário e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Hucitec Editora, 2014.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Tradução, organização, posfácio e notas por Paulo Bezerra. Notas da edição russa por Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.
- CARROLL, Lewis. **Aventuras de Alice no país das maravilhas - Através do espelho e o que Alice encontrou por lá**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- CASTRO, Ana Caroline Silva. **Apreensão de livros tidos como subversivos: o que os processos judiciais da Ditadura Militar revelam**. 2017. 149f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- KURICHIYANIL, Roshan. Today in Kerala we celebrate Reading Day (റീഡിംഗ് ഡേ) in the memory of Sri. P. N. Panicker, a driving force behind mass library movement in Kerala. Calicut, Índia. 26 Jun 2020. **Instagram**. @artofroshan. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CBnHTbcp5pu/> Acesso em: 13 ago. 2020.
- BOEIRA, Álisson. Os mundos de Dinho Lascoski. **K7**. 5 abr. 2016. Disponível em: <https://revistak7.com.br/post/os-mundos-de-dinho-lascoski#> Acesso em: 12 ago. 2020.
- FAILLA, Zoara. (Org.) **Retratos da leitura no Brasil**. 5 ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2021.
- HIDALGO, Angela Maria; MELLO, Cláudio José de Almeida. Políticas Públicas, formação de professores e articulação escolar da leitura literária. **Educar em revista**, Curitiba, n. 52, p. 155-173, 2014.
- LASCOSKI, Dinho. **Instagram**. @dinholascoski. 19 jun. 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CCJ3FPBHbKd/>. Acesso em: 13 ago. 2020.
- LIMA, Marcos Costa. Repensando as teorias do desenvolvimento na América Latina e na Índia. **Desigualdade & Diversidade**, Rio de Janeiro, n. 7, p. 137-152, 2010.
- MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. Tradução por Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Camargo Grillo. São Paulo: Contexto, 2018.
- PAZICH, Loni Bordoloi. Ação afirmativa na educação superior: o caso de Kerala na Índia. Tradução de: QUAST, Karin. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 36, n. 130, p. 139-159, 2015.

SARON, Eduardo. Leitura: Uma questão de política pública. *In*: FAILLA, Zoara. (Org.) **Retratos da leitura no Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2021.

SOBRAL, Adail; GIACOMELLI, Karina. Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso – ADD. **Domínios da Linguagem**, Uberlândia, v. 10, n. 3, p. 1076-1094, 2016.

SOBRAL, Adail; GIACOMELLI, Karina. Das significações na língua ao sentido na linguagem: parâmetros para uma análise dialógica. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão SC, v. 18, n. 2, p. 307-322, 2018.

SOBRAL, Adail. Entrevista Especial VI – Adail Sobral (FURG). Entrevista concedida ao Consoante. **Produção do Grupo Gênese** (Gêneros em situação de escrita), n. VI, 2019. Disponível em: <https://oconsoante.com.br/2019/04/09/entrevista-especial-vi/>. Acesso em: 03 jan. 2024.

SOBRAL, Adail. Entonação avaliativa e responsividade ativa. *In*: SOBRAL, Adail. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin. Campinas: Mercado das letras, 2009.

SOBRAL, Adail. **Elementos sobre a formação de gêneros discursivos**: a fase “parasitária” de uma vertente da auto-ajuda. 2006. 325f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

VOLÓCHINOV, Valentin. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo, Editora 34, 2018.

VOLÓCHINOV, Valentin. (Círculo de Bakhtin). **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo, Editora 34, 2019.

ISSN: 1984-4921

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v16.n37.08>

Submetido em: 22/07/2024

Aprovado em: 13/08/2024